

LAVANDO A ROUPA SUJA

Desempenho nas urnas e apoio a Boulos racham PT e motivam bate-boca entre Gleisi e ministro

SÉRGIO ROXO, KAROLINI BANDEIRA E MATHEUS DE SOUZA
BRASÍLIA/SÃO PAULO

Debates internos, caça às bruxas e lavagem de roupa suja em público marcaram o dia seguinte ao fracasso do PT nas urnas. A reunião da executiva nacional do partido para fazer um balanço das eleições foi marcada por críticas ao governo, especialmente ao ministro das Relações Institucionais, Alexandre Padilha, que afirmou que o PT está desde 2016 no "Z-4 das eleições municipais" — expressão usada para se referir à zona de rebaixamento no futebol. A presidente da sigla, Gleisi Hoffmann, e o deputado Jilmar Tatto (SP), secretário de comunicação, demonstraram indignação com a postura do auxiliar de Luiz Inácio Lula da Silva. O apoio a Guilherme Boulos, candidato derrotado do PSOL à prefeitura de São Paulo, também virou motivo para desentendimento.

Padilha eximiu o Planalto de responsabilidade no resultado eleitoral e fez o diagnóstico de que o partido precisa conversar melhor com a população. O PT só conseguiu emplacar um prefeito de capital, em Fortaleza, com Evandro Leitão.

O PT, desde 2016, entrou no fim da tabela do Z4 (zona de rebaixamento) das eleições municipais. O PT tem um debate a fazer com o segmento dos trabalhadores, sobretudo os que ganham de 2 a 10 salários mínimos, que por algum motivo não se sentem representados — disse.

A fala repercutiu mal. No encontro do PT, houve críticas a Padilha e outros integrantes do governo. Enquanto as discussões ocorriam na sede da sigla, Gleisi usou as redes sociais para qualificar a fala do ministro como uma "ofensa".

"Padilha devia focar nas articulações políticas do governo, de sua responsabilidade, que ajudaram a chegar a esses resultados. Mais respeito com o partido que lutou por Lula Livre e Lula Presidente, quando poucos acreditavam", escreveu Gleisi.

'FAZENDO GRAÇA'

Segundo a presidente do PT, era necessário "refrescar a memória" do ministro sobre que aconteceu desde 2016.

"Pagamos o preço, como partido, de estar num governo de ampla coalizão. Estamos numa ofensiva da extrema direita. Ofender o partido, fazendo graça, e diminuir nosso esforço nacional não contribui para alterar essa correlação de forças", escreveu Gleisi.

Ao fim da reunião, a presidente do PT comunicou que havia respondido publicamente a Padilha e foi aplaudida pelos colegas.



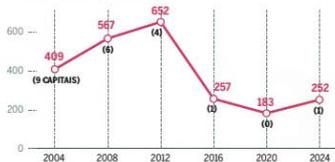
Resposta. Gleisi demonstrou indignação com declarações feitas por ministro de Lula sobre o PT



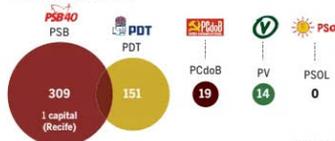
Lavando as mãos. Alexandre Padilha ironizou o resultado do partido nas eleições municipais

DESEMPENHO PELO BRASIL

Prefeituras conquistadas pelo PT



Outros partidos (2024)



Silêncio. Guilherme Boulos submergiu após a derrota em São Paulo

Secretário de comunicação do PT, Tatto ironizou a frase do ministro e disse que há risco para 2026, quando Lula deve disputar a reeleição.

— Se (o PT) ficou na zona do rebaixamento, tem ministro que está jogando na várzea e isso é perigoso pensando em 2026.

Para Tatto, ministros de Lula fizeram gestos erráticos, como posar para fotos com adversários do PT em algumas cidades.

Em comparação com as eleições de 2020, o PT aumentou de 183 para 252 as

suas prefeituras. Mas ficou longe do patamar, por exemplo, de 2012, quando a legenda chegou a eleger 652 prefeitos pelo país.

De acordo com participantes da reunião, a avaliação geral é que o governo não consegue capitalizar ganhos com programas implantados. Também há um diagnóstico de que os ministros dos partidos de centro, por outro lado, são mais eficientes em tirar ganhos políticos de suas ações, ao contrário dos petistas. Há uma cobrança para

que o PT tenha uma interlocução maior com o Planalto. Pela manhã, Padilha afirmou que as eleições municipais não podem ser comparadas com o pleito presidencial. O ministro deu as declarações após reunião com Lula no Palácio da Alvorada. Padilha negou que o partido precise de uma modernização no debate, mas declarou que a sigla "precisa pensar melhor os meios de comunicação nas grandes e médias cidades".

— A disputa municipal não é sobre o governo federal, sobre o presidente. É local. O resultado eleitoral de quem ganhou ou quem perdeu não tem nenhuma relação com isso — disse Padilha.

De acordo com participantes da reunião, as críticas ao governo foram endossadas por outros deputados que se pronunciaram.

Em entrevista, Gleisi afirmou que faltam aos ministros uma atuação mais incisiva.

— Quem faz disputa no governo do presidente Lula é ele quando fala dos programas, quando defende o que está fazendo. Eu vejo pouca participação dos ministros para falar disso, inclusive dos seus projetos de área. Mas essa disputa política, esclarecendo a sociedade do porquê do programa, é muito importante.

Tatto disse entender que Lula fez sinalização contraditória com o perfil de seu governo ao levar o partido a apoiar o candidato do PSOL, Guilherme Boulos, em São Paulo.

— O Lula ganha a eleição numa frente ampla e monta um governo trazendo pessoas e partidos que não o apoiaram. Quando sinaliza que a candidatura na principal cidade do país é do PSOL, ninguém entende. Nada contra a figura de Boulos. É que sinaliza para todas as cidades que a nossa aliança é com a esquerda. E aí a gente perde a eleição e não

sabe porquê. A nossa sinalização deveria ser para o centro — diz o deputado.

O apoio a Boulos causou divergências na reunião da executiva nacional. O deputado Washington Quaquá, prefeito eleito de Maricá (RJ) e um dos vice-presidentes da legenda, repetiu durante o encontro uma crítica que já havia feito nas redes sociais. "O PT precisa parar de errar! Boulos era a crônica de uma morte anunciada! A candidatura errada na cidade errada! Havia Márcio França, Tabata Amaral e até a Ana Stela Haddad", postou Quaquá.

O deputado Carlos Zaratini (SP) rebateu os argumentos do vice-presidente do partido. Questionada sobre o assunto, Gleisi também discordou:

— O Boulos é um quadro que com certeza cumpria muito o que nós queríamos para a candidatura em São Paulo. Mostrava sim que tinha competitividade.

A presidente do PT destacou a lealdade de Boulos no período da prisão de Lula e do impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff.

Em 2022, Boulos ensaiou

Q "O PT, desde 2016, entrou no fim da tabela do Z4 (zona de rebaixamento) das eleições municipais"

Alexandre Padilha, ministro das Relações Institucionais

"Padilha devia focar nas articulações políticas do governo, de sua responsabilidade, que ajudaram a chegar a esses resultados"

Gleisi Hoffmann, presidente do PT

se lançar ao governo de São Paulo, mas foi convencido por Lula a apoiar Fernando Haddad (PT) em troca de uma recompensa na eleição seguinte. Na eleição deste ano o presidente cumpriu o combinado e levou o PT a abrir mão pela primeira vez de lançar candidato próprio na maior cidade do país e berço político do partido.

A tesoureira Gleide Andrade também criticou o caminho adotado, conforme relatos da reunião.

— Nós temos um governo de centro-direita e nós sinalizamos, na principal cidade do país, uma candidatura de esquerda. Não era o perfil que a cidade queria — disse ela — Para ganhar a deveria ser uma candidatura mais ao centro.

BOULOS SUBMERGE

Imediatamente após a derrota de domingo, a campanha de Boulos, por sua vez, decidiu fazer um voto de silêncio. Marqueteiros, coordenadores, aliados de primeira hora, todos falavam em "refletir" e "digerir" a derrota antes de qualquer declaração.

O psolista fugiu de coletivas. No domingo, falou em meio a militância sobre não fazer um "discurso do perdedor" logo após o fechamento das urnas, e deixou o comitê onde acompanhou a apuração dos votos, na região central de São Paulo, sem falar com a imprensa.

Ontem, Boulos não fez agenda pública. Nas redes sociais, postou um agradecimento ao apoio de Lula. Segundo Padilha, ele também conversou com o presidente pelo telefone e foi parabenizado pela campanha. Apesar do apoio de Lula, da esquerda, e de ter a campanha mais cara da capital, o deputado não conseguiu atrair mais votos que na eleição de 2020, quando foi derrotado por Bruno Covas (PSDB).

